



FICHA TÉCNICA

Título

Prosa & Verso VI — *Luz*

Edição

Politécnico de Leiria

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Coordenação

Paula Cristina Ferreira

Cristina Nobre

Capa e Projeto Gráfico

João Pinheiro

ISBN

978-989-35791-5-2

Depósito Legal

XXXXXX

Impressão e Acabamento

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda. - Benedita

Tiragem

150 exemplares

—

Outubro 2024

Leiria

Leonor Guerreiro Queiroz, 2021





Prosa & Verso VI

Luz



ÍNDICE

14 **Prefácio**

Textos em Prosa

ESCALÃO 2 - DOCENTES

20 A Pequena Princesa Ostra – Filomena Carvalho (1.º Prémio)

ESCALÃO 4 – ALUMNI

28 À Meia Luz, Sempre – Maria Tapadas (1.º Prémio)

34 País dos meninos cinzentos – Idália Bento (2.º Prémio)

Textos em Verso

ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

42 Auscultar do voo – Mariana Costa (1.º Prémio)

46 Ponto de vista. Ponto de luz. – Mariana Costa (1.º Prémio)

48 O herói de abril – Augusto Carruço (2.º Prémio)

52 (Banho de) Luzes – Ana Cunha (2.º Prémio)

53 Velas com vento – Augusto Carruço (3.º Prémio)

54 A Luz da Liberdade – Elisa Pinto (Menção Honrosa)

58 Há em ti – Beatriz Ferreira dos Santos (Menção Honrosa)

ESCALÃO 2 – DOCENTES

60 Luz Interna – Lúcia Simão (1.º Prémio)

61 Quem és tu, ó luz, que me ilumina! – Margarida Basto (2.º Prémio)

64 Luz de um novo ciclo – Lúcia Simão (2.º Prémio)

ESCALÃO 4 – ALUMNI

65 Penumbra – Cheila Roça (1.º Prémio)

66 Doce crepúsculo – Cheila Roça (2.º Prémio)



- Luz -

“Ut pictura poesis”
-Horácio

Maria Manuel, 2024





Prefácio

Numa dança bem coordenada entre palavras, pensamentos e sentimentos de quem escreve e de quem lê, vê finalmente a LUZ do dia a 6.ª Edição do Prémio de Escrita “Prosa & Verso”, promovida pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, sob a coordenação de Paula Cristina Ferreira e de Cristina Nobre. Da leitura desta antologia, resulta bem claro que é no falar e no sentir das palavras que se ultrapassam os principais objetivos subjacentes à criação deste prémio: o de partilhar as boas práticas de escrita e de leitura na comunidade escolar e o de promover a língua portuguesa. Com efeito, é incontestável que, mais do que cumprirem os preditos intentos, os textos aqui vertidos, cada prosa e cada verso, tocam almas. Este contentamento, de tocar a alma de quem lê, é o verdadeiro prémio para quem escreve. Por sua vez, para o leitor, o prémio é ainda maior, já que, ao mergulhar nas palavras do outro, rouba inevitavelmente o seu sentido primeiro e transforma-as em sentimentos seus, que, por vezes, nem sabia como fazer despertar, na dormência da rotina. É esta luz que podemos ler nos textos que se seguem. A luz da comunhão e da celebração das palavras que nunca o são apenas.

Marisa Dinis

*Subdiretora da Escola Superior de Gestão e Tecnologia - Instituto
Politécnico de Leiria*



TEXTOS EM PROSA

Leonor Guerreiro Queiroz, 2021

- Luz -



ESCALÃO 2 – DOCENTES

A Pequena Princesa Ostra

Filomena Carvalho (1.º Prémio)

Docente da ESTG

Para os manos Rafael e Carolina e para o Vasco.

Havia uma Princesa que vivia num reino encantado aqui na Terra. Desde muito pequenina dizia a todos os seus amigos e amigas que gostava muito de Jesus, a quem carinhosamente passou a tratar por Java.

À medida que foi crescendo, foi percebendo no seu coração que gostava de encontrar um Príncipe que também gostasse muito de Java.

Iam aparecendo Cavaleiros à porta do Palácio da Princesa, mas muitas vezes ela não os via nem ouvia.

Certo dia, apareceu um a bater à porta e ela ouviu e viu. Ficou lá algum tempo e a Princesa acabou por se apaixonar, mas percebeu que o Cavaleiro gostava mais de Java do que dela, e, por isso, seguiu o seu Caminho.

Anos mais tarde, outro Cavaleiro bateu à porta do Palácio. A Princesa quis conhecê-lo. Também ele gostava muito de Java, mas a Princesa percebeu que este gostar não era suficiente para a Princesa amar aquele Cavaleiro.

Alguns anos depois, novo Cavaleiro bate à porta do Palácio. Um terceiro Cavaleiro. Dele brotava uma postura nobre e vinha muito bem recomendado! Com certeza gostava muito de Java! A Princesa não simpatizou de imediato com a sua armadura, mas

confiou na sua nobreza e deixou que ele habitasse o seu Palácio. Conheceram-se melhor e casaram. A Princesa foi amando cada dia mais e mais o Cavaleiro.

Estiveram alguns anos casados, mas certo dia aconteceu algo que despedaçou o coração da Princesa. Contaram-lhe que o Príncipe lhe fora gravemente desleal. A Princesa quando confirmou essa deslealdade sentiu uma profunda dor. Sabia que também Java tinha sofrido por causa da deslealdade de pelo menos dois dos seus amigos Apóstolos, um chamado Pedro outro chamado Judas. Inspirou-se na força de Java e procurou perceber qual era a força do amor do Príncipe por ela.

Veio a descobrir que o Príncipe vinha do Reino dos Indecisos, um lugar onde nada parece ser suficiente e percebeu que o Príncipe não tinha a certeza se a amava. O Príncipe partiu do Palácio. A Princesa soube que passou a andar pelo Reino da Terra, por outros Palácios, à procura do amor e da sua verdadeira amada.

Um dia a Princesa falou com Java no seu Coração e decidiu cortar os seus longos cabelos negros, fechar o seu Palácio e partir. Conheceu o Reino da Floresta e os seus habitantes e por lá fez amigos. Conheceu o Reino dos Céus e os seus habitantes e também por lá fez novos amigos. Confirmou nas suas viagens como é bom ter amigos de verdade.

Faltava-lhe conhecer o Reino dos Mares. Um dia decidiu mergulhar nas Profundezas do Mar. Ficou rendida ao seu Silêncio, ao Seu Azul Profundo. Lá ela dizia que se tinha encontrado consigo e com Deus...Mas, só um bocadinho, porque nunca nos conhecemos para sempre, vamo-nos conhecendo ao longo de toda a Vida; e Deus, que é Mistério, vai-se revelando também todos os dias mais um bocadinho, mas temos de estar atentos e ter momentos de Mer-

gulho dentro de nós. Podes perguntar: Mas é possível Mergulhar dentro de nós? A Pequena Princesa Ostra afirma com toda a certeza que sim.

No Reino dos Mares a Princesa pediu para falar com o Rei e a Rainha dos Mares. Perguntou-lhes se tinham um lugar para ela no seu Reino.

Os Reis conferenciaram com os seus Conselheiros e declararam: “— Se escolheres ficar no Reino dos Mares, com a tua forma humana, terás de ser do tamanho de uma pequena pérola e escolher morar numa Ostra. Logo que tenhas escolhido a tua Ostra terás de tomar esta poção mágica, um concentrado de Cristais de Sal, para que na Ostra possas entrar. Ficarás a viver neste Reino dos Mares pelos *Séculos dos Séculos e por toda a Eternidade*. Só poderás voltar à tua antiga forma humana se um Mergulhador de Nobre Coração encontrar a tua Ostra, a levar das Profundezas do Mar, a abrir e nela te encontrar. Por isso, escolhe bem, Princesa. É mesmo este o Caminho que queres tomar?”

A Princesa agradeceu e amavelmente pediu uns dias para pensar. Nós, os adultos, chamamos *discernir*. Tinha feito amigos no Reino da Floresta, no Reino dos Céus, tinha deixado amigos no seu próprio Reino... Mas, a Beleza das Profundezas do Mar, o Silêncio, o Colorido, a variedade das formas que via e sentia, os perfumes do Mar encantavam-na.

Mas, disse-me o meu amigo Peixe que, quanto a ele, o que a fez verdadeiramente ficar foi a dor que ainda sentia no seu Coração: ter deixado de acreditar que poderia existir um Nobre Cavaleiro, que gostasse também de Java, e que um dia se pudessem amar. Ela, no fundo sabia que nas Profundezas do Mar seria muito mais difícil de o encontrar. Estava disposta a arriscar e a ser feliz, de uma

maneira nova, neste Lugar.

E escolheu a sua Nova Casa: uma Ostra simples, não muito grande, nem muito pequena, com uma tonalidade rosada, com uma textura algo irregular, em forma de coração disfarçado, de modo que apenas os mais atentos o pudessem notar. Tinha uma fenda que o sal acabou por colar, mas essa qualquer um podia notar. E bebeu a poção, o tal concentrado de Cristais de Sal da cor dos glaciares. Os glaciares têm uma cor tão linda!...Eu acho! Sabes o que são glaciares?

A Princesa passou a ser conhecida no Reino dos Mares pela Pequena Princesa Ostra. Disse-me o meu amigo Peixe, que quem a vê conhece-a logo. Os seus cabelos cresceram e parecem algas. Vestiu-se com flores do mar de cor avermelhada. O seu coração é nobre. Tem como amigos todos os Seres do Mar, mas traz também no seu Coração todos os seus amigos dos Reinos distantes. Muitas vezes, veem-na em Silêncio a por eles rezar.

Tornou-se Guardiã dos Oceanos. Com o seu amigo especial, um leão marinho, que ainda não lhe deu nome, e com o seu cajado desloca-se e transforma o lixo, depositado pelos humanos nas Profundezas do Mar, em bonitos Cristais de Sal com as Cores do Arco Iris. Ao transformar o lixo nestes lindos Cristais, a Princesa Ostra vai perdendo o seu brilho. Todos os seus amigos das Profundezas do Mar sabem que a Princesa Ostra morrerá se perder o seu brilho, a sua LUZ.

O Brilho dos Cristais só se vê duas vezes no ano: no Natal e na Páscoa. É nessas alturas que a Princesa Ostra perde mais brilho, porque é nessas épocas que, curiosamente, mais lixo entra nas Profundezas do Mar.

A Pequena Princesa Ostra continua a ser amiga de Java e conti-

nua a gostar muito d'Ele. Diz que agora, das Profundezas do Mar, consegue vê-Lo de uma maneira nova.

De quando em vez os seus amigos, mais íntimos, perguntam-lhe: “— Achas que algum dia aparecerá um Mergulhador de Nobre Coração para te salvar?”

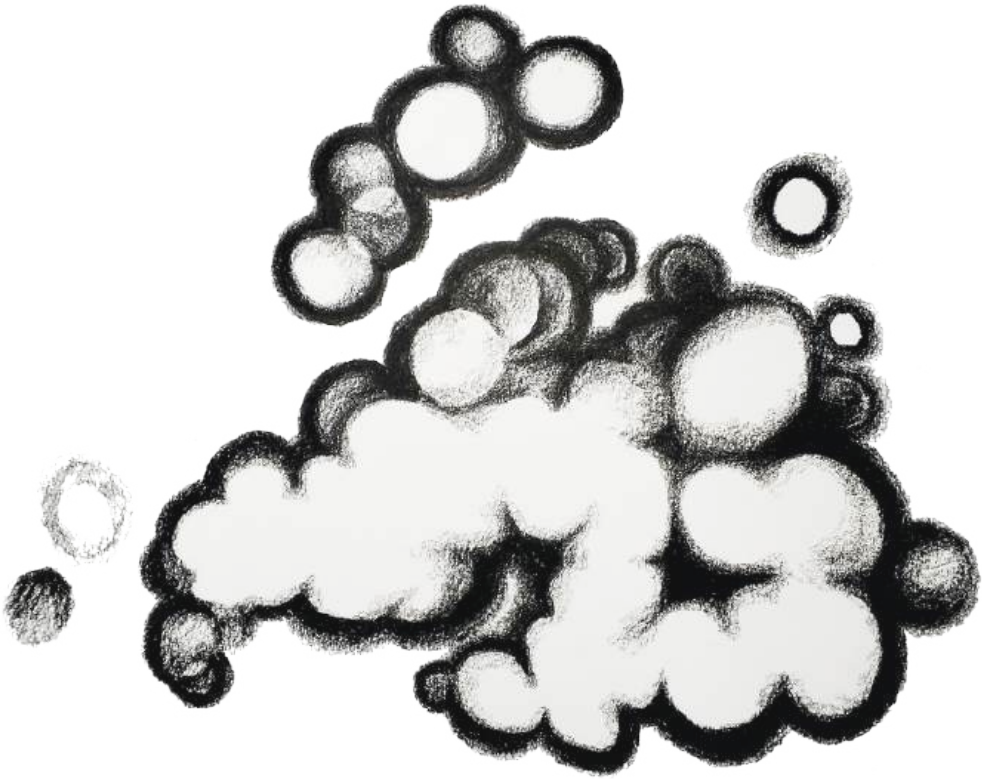
A Pequena Princesa Ostra põe-se em bicos de pés, puxa os seus cabelos de algas para trás e diz convictamente: “— Salvar de quê? “

Eles, os seus amigos, que a conhecem, sorriem para ela e no Silêncio do Mar dizem: “— Salvar para te deixares amar!”.

E tu, que lês e escutas esta pequena história, deixa-me dizer-te que o meu amigo Peixe me disse que o brilho, a LUZ da Princesa Ostra, é cada vez menor... Tu agora já sabes porquê...O que estás disposto e disposta a fazer por causa do lixo que entra nas Profundezas do Mar?

Sabes, a Pequena Princesa Ostra anda por aí, nas Profundezas do Mar, quem sabe se não és tu um dia, o Mergulhador e a Mergulhadora de Nobre Coração, que com o teu Fato de Mergulho a vai salvar. Basta encontrares a sua pequena Ostra e acontecer o Acaso de ela lá estar...

- Luz -



Maria Manuel, 2024

Lara Tomas, 2024

-Luz-



ESCALÃO 4 – ALUMNI

À Meia Luz, Sempre

Maria Tapadas (1.º Prémio)

Alumni da ESSLei

A humanidade esconde segredos e os escritores desvendam-nos todos à luz de velas. Eu não sou escritora, e não ilumino o espaço com tais apetrechos, mas no outro dia perguntaram-me onde encontrava as palavras para te descrever tão bem e não consegui guardar só para mim. Gritei aos sete ventos que era nos dias mais tristes, nas noites em que a lua não subia ao céu, que no escuro se me iluminava a mente e as lágrimas criavam rios de luz. Não sou crente nas magias, mas será algo parecido, certamente. Como quando um pianista faz das teclas uma música, ou um beijo nos leva a outra dimensão.

E é por isso que nos dias de chuva, te sonho acordada.

E é por isso que todas as noites, ao estar só, me lembro de ti.

Afinal de contas, vi uma estrela cadente brilhar-te no olhar e apaixonei-me. Foi nos detalhes, naqueles pequeninos, que ninguém dá conta e que guardo para mim. Porque quando a estrela rasgou o céu, foi o teu olhar que encontrei, de todos os que havia, e aquela magia do momento transbordou em ti. Ou na minha mente.

E lembras-te daquele dia em que te senti mais perto? Chamei-te *amor* em sussurros, adormecemos lado a lado sem realmente o estar.

Um beijo de boas noites, um sonho partilhado.

Nas noites de lobisomens, tenho uma sucessividade de pen-

samentos como se te guardasse, desenhasse e pintasse. Como se fosses arte ou o meu amor verdadeiro.

Parecia um feitiço! E já sabes como não creio nestas tretas dos ocultos, mesmo que oculte o quanto gostei de te ver no outro dia na mercearia.

Na escuridão, perco-me constantemente em ti, e na luz da noite, apanho estrelas e faço constelações para te oferecer. Como os deuses do Olimpo, sabes? Que faziam os mais enternecidos feitos, em prol da porra do amor, mas que nunca findava em bem.

Apaixonei-me sem querer querendo. Sofri querendo, sem querer, uma paixão em que nunca veria reciprocidade.

E ao mesmo tempo que te escrevia um livro de prosa fantástico, e bem se vê que na escrita pouco dou, prometia-te não me apaixonar. Enquanto construía uma noite tórrida de amor, de corpos a levitar na tua cama, prometia-te que ficaria longe. Enquanto te pintava um quadro de mil cores, sem dissabores, fechava os olhos para não decorar os teus traços. Enquanto desenhava um coração abstrato em representação do amor, prometia-me que não pertencia a nenhum de nós dois. Fiz estas e mais mil e uma promessas, e tentei ser uma pessoa de palavra. Aqui a questão é que entrava em debate entre a razão e o coração, como sempre ouvi dizer pelo meu avô.

Mas a culpa disto é tua, sabes? Foi o teu olhar, naquele dia. Aquele tom quente que me aqueceu mais do que o conhecido. Li algures que os olhos azuis são só o reflexo da luz, como a cor do céu, que de inexistente se crê mar. Os teus refletem um amor que imagino além-fronteiras, mas crês-te coração em pedra.

Se o amor fosse um jogo de crianças fazíamos o 'Pedra, Papel ou Tesoura'. Se eu ganhasse, talvez me visses. Se eu perdesse...

Bem, isso não importava. Quais astros alinhados ou mercúrios retrógrados! A paixão existe, o amor constrói-se e o teu coração deixa de ser de pedra para muita gente que não eu. Ainda sentia que me abraçavas a alma quando me chamavas *Miúda*, mas deixava-me cair no abismo a cada vez que recordava ser só mais uma.

Mas a culpa talvez seja minha, sabes? Foi a minha imaginação nestes últimos tempos que te viu mais perto, sem realmente o estares. Foi aquele estar a meia luz, como as ruas de Budapeste no inverno, que mesmo no escuro, deixam ver as sombras dos gatos, com a ténue luz amarela, do candeeiro de rua. Era como imaginava a atmosfera da sala enquanto estávamos em desencontros de línguas, deitados no sofá. Mas sem gatos. E só na minha imaginação.

Também te levei comigo no verão. Viajaste até Marbella. Queres que te conte?

Naqueles dias o sol deixava um rasto em mim, um tom quente e bonito. Aquele tom que apaixona e que condiz com a vista à beira-mar. O meu corpo brilhava entre a areia que deitava para a toalha. O cabelo escorria-me pelo vale dos seios, como se desse um toque sensual ao mergulho dado uns minutos antes. Eu descobri, e digo-te em segredo, *Amor*, que o verão é a paixão nada secreta entre o sol e a lua. Naquela semana vi o pôr-do-sol da varanda, bebia um copo ao anoitecer. A rua estando às escuras, mantinha-se só, com o reflexo do mar, o mesmo que nos iluminava o olhar. Abraçava-te se deixasses. Beijava-te se estivesses lá.

Era o poder do acreditar de olhos fechados...

Dormia a teu lado se estivéssemos juntos. Ias ficar apaixonado pelo tom da minha pele, ias percorrer as curvas, as minhas e da estrada, como quem sabe o caminho bem demais. Ao som de uma

música do Turizo, como aquelas que ouvimos no festival.

Balançava o corpo, soltava o cabelo e espalhava um sorriso para os turistas da marginal. Eles correm sem pressa no pico do calor, os corpos a refletir a luz do dia, pela camada suave de suor. É quente. Está quente. E sabes? Os nórdicos são bonitos, os espanhóis são simpáticos e tu eras engraçado. Podia bem mostrar-me feliz a ser a lua, se quisesses ser o sol.

Mas não fomos este verão, provavelmente também não sere-mos no próximo. Talvez a luz não importe porque o amor devia ser verdadeiro perante todos os seus estados, acesa, a meia luz ou apagada. Quem sabe a culpa não seja minha, nem tua. *Quiçá*, o que temos nem se chame *Desencontros*, porque bem sei que não me procuraste. Indubitavelmente, não posso chamar *Amor* ao fruto da minha imaginação e não posso ter luz, numa vida sem amor. E é por isso que agora te guardo na memória, numa gaveta com ausência de luz e só te relembro à distância, de quando em nunca, à meia luz, sempre.

Maria Manuel, 2024



País dos meninos cinzentos

Idália Bento (2.º Prémio)

Alumni da ESECS

Era uma vez um país que era habitado por meninos cinzentos, tristes, risonhos, alegres, sorridentes, nervosos, ansiosos, melhor dizendo meninos de mau carácter. Apesar destas características eles criavam entre si amizades e inimizades, que de certa forma tinham a cor cinzenta, até os próprios pensamentos. Neste país tudo era acinzentado, tudo tinha a forma de uma figura, ou sólido geométrico. As paisagens eram compostas por obras que ganhavam vida, em que estas mesmas obras artísticas eram portas mágicas que se abriam de par em par, sempre que desejavam ir para outro lugar, ou viver numa outra cidade ou espaço. Estes pequenos seres viviam entre o desentendimento e a rebeldia, em que o entendimento era como suaves nuvens que se esfumaçam e desfazem no cinzento do céu num dia severamente cinzento. Apesar desse temperamento, intimamente, os meninos cinzentos ambicionavam a paz, harmonia e a alegria, estados de alma que não conseguiam alcançar por mais que tentassem, porque eles discutiam por tudo, por nada e sem razão alguma. Diante desses momentos de discórdia e por entre a chama acesa das discussões, o país transformava-se por completo. A cor cinzenta dava lugar a uma espécie de lugubridade horripilante conjugada com a tenebrosidade voraz. As figuras e os sólidos geométricos deixavam de existir, em que se desfazem num ápice, para dar lugar a um vazio, melhor dizendo à vazão da incerteza, confusão e ambiguidade. Esses mesmos corpos inertes simetricamente tridimensionais em que as suas linhas e contra linhas se vestiam de uma disformidade recíproca. Após esse momento de

inquietação e desassossego, tudo voltava à sua devida normalidade. Assim o tempo ia passando, e com ele a vida ociosamente pacífica, monótona e insípida, no país dos meninos cinzentos.

Era uma vez um país que era habitado por meninos de todas as cores: rosa, laranja, amarelo, preto, vermelho, rosa, castanho, azul escuro, cinzento, prateado, dourado, branco, azul, verde claro, lilás, azul claro, bege, azul escuro, salmão, entre outras, tantas cores. Assim, num certo dia, numa certa manhã, num certo lugar excepcionalmente distante existia um país que nada tinha a ver com o país dos meninos cinzentos. Aqui encontravam-se meninos das mais diversas cores e formas, os meninos multicolor. Das suas faces simetricamente díspares a imensa alegria se unia à tonalidade brilhante que os seus rostos emanavam translucidamente. Os sorrisos que esvoaçavam e brotavam da sua face tinham um cheiro lustroso a rosas luzidias que se transformaram na mais emblemática vegetação rupestre. Os corpos irregularmente desiguais pareciam pérolas sagradas supramente cintilantes. Aqui, toda a biodiversidade ganhava vida, como se fossem seres humanos de verdade, os dias eram passados na maior das alegrias, na mais fina harmonia. Morfológicamente as casas onde moravam não tinham telhado, mas sim nuvens de algodão em forma de caracol, pois estas serviam como proteção a visitas indesejadas. As suas formas superficiais exteriores entravam em conexão com a própria vegetação, em que frutos e vegetais se combinavam entre e para si mesmos. Os dias, como estes meninos viviam eram passados sem que o tempo ou espaço passassem, ou fizessem para isso acontecer. Se porventura, a fome alimentar tomava conta do apetite sôfrego, os pensamentos vibrantemente se entrelaçam, em que seus estômagos carinhosamente se alimentavam.

Um certo dia, enquanto o sol raiava no mais alto céu, os meninos do país multicolor ouviram um fino tilintar, ao dirigirem fixamente os olhos para o firmamento, raios luminosos começam a cair abundantemente sob as suas faces, em que estes sentiram que alguém lhes pedia ajuda desesperadamente. As sensações tocavam o âmago de suas grandiosas almas, porque sentiam e percebiam que algo acontecia naquele preciso momento, mas não compreendiam de onde vinha a melancolia desse pedido de socorro. Prontamente, num ápice reuniram-se em conferência envoltos na certeza que tudo se resolveria pelo melhor. Nesse lance conferencial percebem que os seus corpos são arrastados e sugados por um túnel circulante espiralizado que os desmaterializa e os transporta para o lugar onde o pedido de ajuda se faz sentir. Quando aí chegados, a compleição física paralisada de cada um deles retorna à sua aparência habitual, onde percebem que tudo é bem diferente do país onde habitam. Deste modo começam a aventurar-se por aquele espaço estranhamente incomum, como verdadeiros exploradores, viajantes do tempo entre dois mundos. Devagarinho começam a andar em pezinhos de lã, não fosse o perigo andar à espreita, onde juntos e unidos chegam a uma clareira que se encontra mesmo no meio de um bosque, aqui, sim sentiam como se estivessem num lugar ocultamente virtuoso. Seguidamente decidem iniciar uma liturgia estranha e misticamente *sui generis*, em que esta ressoa pelos quatro cantos do mundo, no país dos meninos cinzentos, momento que nem eles mesmo sentiram por momento algum. Após esse instante, estes meninos decidem voltar ao país de origem, o país dos meninos multicolor.

A noite caía, e com ela as estrelas cintilantes no borrão negro dos céus, as crianças deitadas nas suas camitas olharam fixamen-

te por entre as cortinas da persiana dos seus quartos e observaram que na imensidão da noite, uma luminiscência especial se refletia naqueles corpos celestes que não paravam de brilhar. De olhitos esbugalhados pediram ansiosamente que a paz e a alegria fossem uma verdadeira luz nos seus corações, para que um novo ciclo existencial jovialmente se sobreerguesse naquele país grandiosamente cinzento. Seguidamente domados pelo cansaço sentiam que as pálpebras suavemente se fechavam. Adormeceram. O dia raiou, pelo alvorecer os meninos do país cinzento iniciavam um novo dia, como tantos outros dias, os deveres e tarefas quotidianas chamavam por eles nessa mesma manhã. De uma coragem e vontade infinita sabiam que o tempo, seu melhor aliado chamava por eles a cada dia. Não tinham relógios, nem mesmo despertadores, mas através das condições meteorológicas conseguiam organizar o próprio tempo de vida. Dez anos se sucederam, após chegada e partida secreta dos meninos multicolor ao país dos meninos cinzentos. O país dos meninos cinzentos continuava a ter a mesma cor acinzentada, mas intimamente tudo se tinha transformado e renovado substancialmente, tal como eles tanto almejavam e desejavam no recanto e aconchego do seu próprio ser.

Leonor Guerreiro Queiroz, 2021





TEXTOS EM VERSO

ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

Auscultar do voo

Mariana Costa (1.º Prémio)

Estudante da ESECS

Sou o meu final feliz.

Alheada de um mundo que se agiganta à minha volta,
adormeço-te, com doçura, afastando a escuridão.
Com um sorriso que vem de dentro da alma,
asseguro-me de que a noite será branda,
sobre o peso do teu coração.

Dorme sereno, meu pequeno amor.
O desejo de te ver crescer, inunda-me os olhos.
Trazes o brilho da gentileza em cada toque de cor,
num abraço que te envolve os sonhos e as certezas,
inspirando a partilha dos livros que ainda vais ler,
na companhia das estrelas.

Minha luz, cresces sem cessar, em tamanho, graça e idade,
e eu, contigo, vivo na pressa de um sorriso constante,
a descobrir e encontrar a vida em cada sopro,
em cada fôlego de inocência e fulgor de curiosidade.

Observo-te. Cada respiração que se atenua,
contém a efemeridade da chama de mais um dia que passou. Que
passou por nós.

Hoje, sem fios e nós desatados de medos cerrados,
eu, de pálpebras alumiadas e pedaços de céu nas pestanas,
desperto na certeza da pueril esperança,
que afasta os negrumes de outros passados.

Hoje sou encruzilhada que se encontrou.
Percorro, com os dedos lúcidos, o brilho das rugas no rosto que
[a vida marcou.
De pés descalços, caminho próxima deste incêndio que trago
[junto ao corpo,
deste romance que transborda da moldura iluminada.
Contruída de esplendor, um clarão.
Tu.
Fora do peito, meu coração.

Minha luz.
Na noite mais estrelada, danço ao teu lado, enquanto te vejo
[dormir.
Pela noite dentro, mantemo-nos cintilantes a dançar,
até sermos as únicas que observam a fulgência da música a sorrir.

Adormeceste.
Extingo a tremulação da pequena lâmpada, do teu quarto, junto
[a ti.
Nunca precisaste dela. És tu quem brilha.
Minha luz mais bela.

Sorrio, enquanto me afasto.

Sorrio porque sou embarcação de alguém que me ensina, todos
[os dias, a navegar.

A claridade de um auscultar do voo, sem falhas,
e és tu quem tece as minhas asas.

Nesta viagem, mesmo a dormir, também tu sorris.

Meu amor. Minha luz.

És o meu início feliz.

- Luz -



Lara Tomas, 2024

Ponto de vista. Ponto de luz.

Mariana Costa (1.º Prémio)

Estudante da ESECS

Luz. Chamas-me luz.

Quem? Eu?

Uma chama cerrada, alvura sombria e centelha anuviada?

Devo ser luz? Devo ser brilho?

E quem te diz que me quero iluminar?

Quem te diz que me quero altear, radiante,
a transbordar de cintilante esplendor?

Não te iludas, não.

Muito menos quando, em mim, não incluis o hiato sentido,
o devaneio funesto e a palidez da cor.

Na minha claridade turva,

sou trevas, sou manto, sou véu.

Escurecida pela crueza da vida,

pinto, com as minhas cores, o ocaso do teu céu.

Vês-me de luz. Vês-me de brilho.

Noite aberta que de estrelas se compõe.

Miragens! Ilusões!

Eu, de neblina construída, irradio negrume e,

face às tuas insignificantes alucinações,

contemplo

e sorrio.

Segue.

Segue o teu caminho desditoso,
de infeliz e crédula cegueira.

Na minha viagem insaciável,
eu não tenho tempo para míseras sombras,
e, sacudindo o fulgor da tua poeira,
a minha alma
reverbera.

Esfrega o pó dos olhos e segue,
mas segue com a certeza de que
sou brilhantemente breu.

Por isso, candeia débil, nunca te esqueças,
nem por um momento,
que, na minha escuridão,
mando eu.

O herói de abril

Augusto Carruço (2.º Prémio)

Estudante da ESECS

Por entre as sombras da noite
O Capitão alinou as chaimites
Acreditou nos rapazes de bravura
Nenhum soldado ficou para trás
Nenhum soldado quis a ditadura

No crepúsculo da atípica madrugada
As armas estão no ponto de abrir fogo
Já se vislumbra o Terreiro do Paço
O povo não se fez rogado
O povo aderiu com ganas de aço

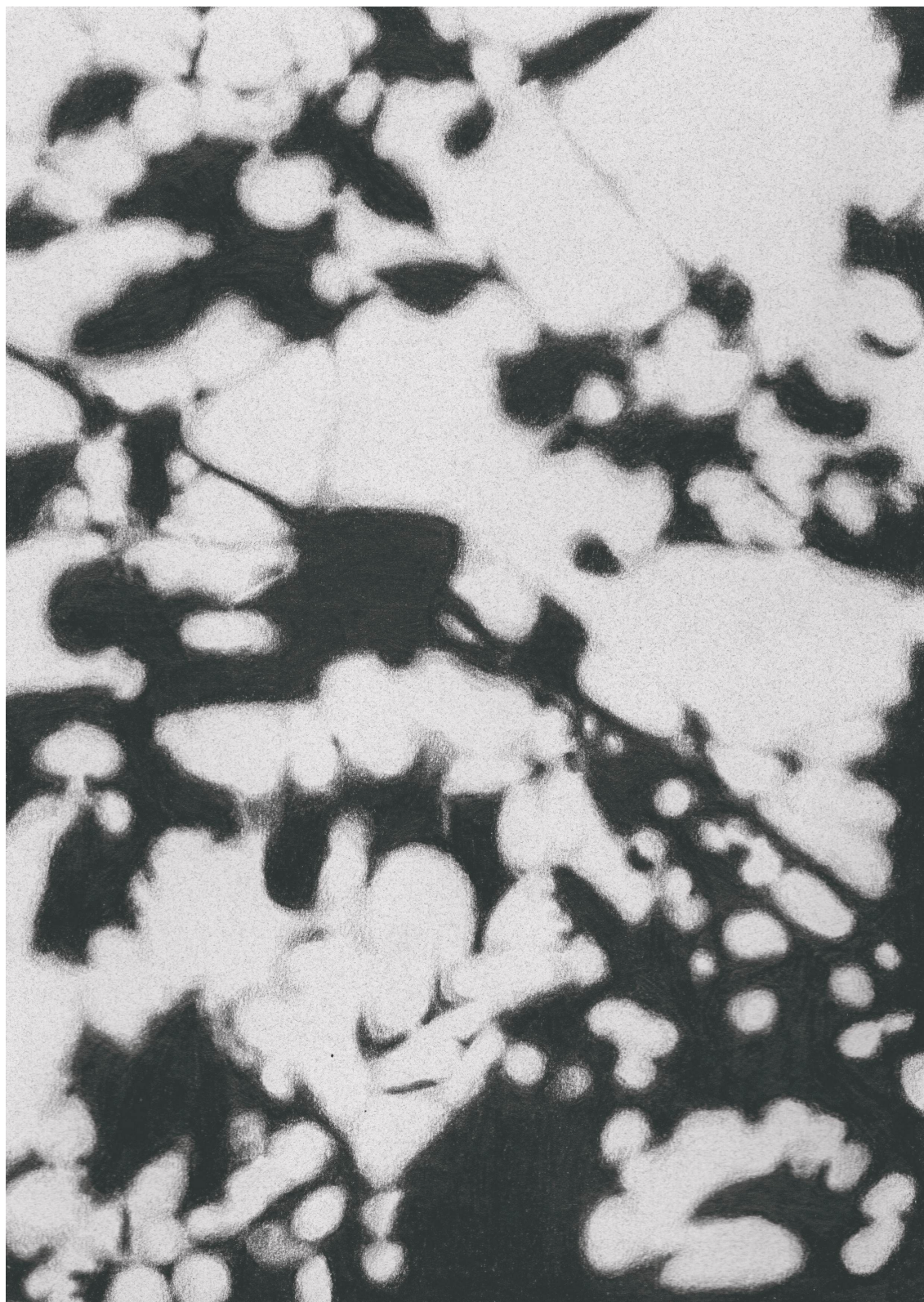
Neste dia de luta sem igual
Brilhou uma luz de esperança
Salgueiro Maia foi herói de raça
Abraçou a causa de peito aberto
Quis livrar o povo da mordança

Com a luz mais forte que as trevas
A massa humana subiu ao Carmo
Foi lá que o Capitão venceu a ditadura
As espingardas cravaram na parede
A mensagem que o povo deixou na rua

- Luz -

Abril é o mundo português a mudar
Quando o povo se junta a cantar
Abril são cravos vermelhos a sorrir
Com a esperança da primavera florir

Maria Manuel, 2024



(Banho de) Luzes

Ana Cunha (2.º Prémio)

Estudante da ESTG

Não esperes de mim mais do que posso dar,
Mas não percas a esperança,
Que a mudança
É a força que transforma sem parar,
É o sangue que mantém a vontade,
E a dor que permite a saudade.

Não esperes ... mas não desistas,
Que desistir é morrer,
Sem viver,
É a força que paralisa sem parar,
É o fluxo que mantém a infelicidade,
E a dor que permite a indignidade.

Hoje no campo das ilusões,
Queremos ser Deuses da certeza,
Com um leve travo a tristeza.
Porém, amanhã, quando o sol nascer,
O banho das luzes, e o clamor dos perdões,
Farão da nossa vil vivência,
Da nossa inocência,
Um ramo branco de flores campestres...
O delicioso sabor dos frutos silvestres...
O melodioso som de um violino a gemer.

Velas com vento

Augusto Carruço (3.º Prémio)

Estudante da ESECS

Eu quero ser vento
quero chegar bem longe,
Nas velas gravar paz e amor,
Levá-las até ao fim do mundo
Com veemência e clamor

Quero ser livre como o vento
Leve como a espuma dos oceanos,
Sentir a fragrância de mulher
Ver seus olhos a brilhar
Como vejo o brilho do mar

Se velas marítimas temem perigo
Elas clamam ao vento abrigo no mar
Procuram no céu sinal para navegar
Com proteção da sedutora sereia
Vestida de luz pelas águas do mar

No mastro ou no moinho
Ou em qualquer lugar
Há sempre velas e vento
E saudade de abraçar

A Luz da Liberdade

Elisa Pinto (Menção Honrosa)

Estudante da ESECS

O amor floresceu em Nacala-Porto, Moçambique
anos sessenta sonhadores,
a nossa casita alevantava-se no alto da colina
mirávamos o Índico, ondeava ao longe
azuis marinhos molduravam os verdes do mato
cajeiros, casuarinas, embondeiros
mesclados de acordes da bicharada frenética
a luz forte e clara, os cheiros quentes, sol em brasa
natureza em harmonia balançava nas entranhas
Ah! E as chuvadas a horas certas! Chuva forte a bater no chão
[fumegante.

A vila ia crescendo, desenhada em cogumelos
mulheres e homens ombreados de afeição à terra, compondo-se
[de luz e de vida
verdes fulgurantes incorporados na canícula de odores virgens
amor despertava os sentidos em sinfonia deslumbrante.
Fernão Veloso, a nossa praia de brancas areias
abraçados ao por-do-sol cor de fogo
o amor, sempre o amor em doce partitura.

23 de abril de 1977

De regresso a casa, vindo da nossa praia, o meu Jony
foi acorrentado pelos camaradas da Frelimo
interrogado com ameaças, intitulado de espião pelos camaradas
[Rusos
sem sabermos porquê, foi preso.

INOCENTE

por entre as grades poeirentas
luz ténue penetrava
essa luz não parecia sol, luz pardacenta
perdia-se no chão nauseabundo,
sem reflexos, a luz lambia o corpo nu, coberto de sujidade
[pegajosa,
suores a jorrar em bica,
corpo tatuado de sangue dos percevejos
pensamentos desconexos a tocar a loucura, olhar vagabundo
sem luz nem esperança, sem casa, sem teto
quando o chicote se levantava
sussurros dos camaradas:

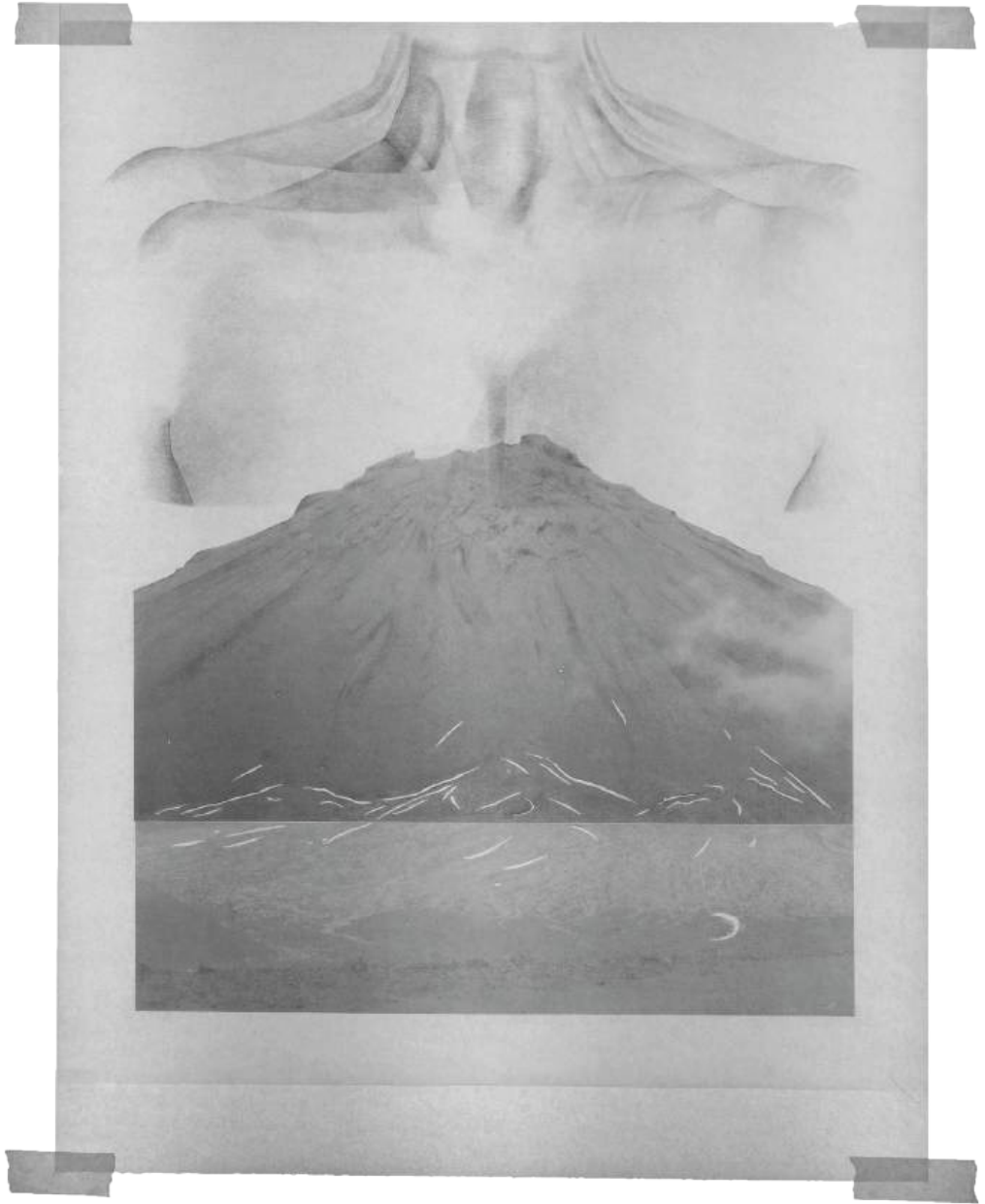
cooperante Português!

Corri, corri de porta em porta à deriva
correria desenfreada, calcorreei o impenetrável
de prisão em prisão sem o poder encontrar
nos corredores da negritude dos camaradas.
Quase fiquei presa
mas rezei, rezei muito, à Luz de Deus
para te devolver, meu amor
a **LUZ** perene, vibrante, da **LIBERDADE!**
Juntos para sempre
entrelaçados na luz do nosso amor
despidos de tudo, enlaçados no nosso infindo baile
iremos esvoaçar livremente
sobre a nossa minúscula canoa
despedaçada no Índico de tanto esperar por nós.

Dedico este poema ao meu saudoso marido, João de Sousa Anjos Pinto (1938, 2021).

Leonor Guerreiro Queiroz, 2021

- Luz -



Há em ti

Beatriz Ferreira dos Santos (Menção Honrosa)

Estudante da ESECS

Há em ti
Há luz em ti
Em todo o teu ser
Fazes-me estremecer
Quando tocas o violão, na nota do si

Há luz em mim também
Há luz que vem de lá
E outra dali, e de acolá
As luzes cruzam-se na minha cara
Ponta do meu nariz
Mas as tuas, não vejo de onde vêm
Vejo para onde vão
Dão-me sinal verde para interferir
E sinal vermelho para sair
E nós, somos luz, a claridade
Sanidade iluminada, fascinada e fascinante

Sobe a luz ao teto e fico escura.
Fica escuro diante de mim.
Não te vejo tão belamente.
Se eu não tiver luz, não tiver cor
Como me irás ver? No futuro?
Deixas de me ver, eu vejo-te ainda. Grito

- Luz -

Para que grito se a escuridão te leva para longe? A luz não chega aqui.

Depois, algo se mexe no chão. Um foco acende e volta a apontar-me

Tu manténs-te e alegras-te. Sempre quiseste ver-me.

Sempre fomos claridade, sanidade, luz..

ESCALÃO 2 – DOCENTES

Luz Interna

Lídia Simão (1.º Prémio)

Docente da ESTG

Sou alma só que caminha querendo ansiosamente dançar,
Agarrada à luz que torna as mais duras dores suportáveis,
E se já tive certezas, agora não aspiro a ambição tamanha,
E voou sem asas e sem planos delineados a pontos perfeitos,
Pois a vida é poema sem rima certa que se chora a cantar!

E soletro gotas de alegria que são paz que enche o coração,
Talvez a esperança seja refrão que se aprende sem se saber,
E as feridas costuram-se e as lágrimas pintam-se de luz e cor,
E quem sabe se o amanhã se torna num agora mais convicto,
E os desgostos viram lenha para fogo que cheira a inspiração!

Abraço agora os veios da poesia sem que a tristeza me dobre,
É a riqueza que resta quando as vozes ocas já muito falaram,
E num mundo de curvas inexatas e de equações impossíveis,
Feliz quem da vil rotina que fustiga qualquer carcaça segura,
Aprende a costurar sorrisos sem que o cansaço a alma afogue!!

Quem és tu, ó luz, que me ilumina!

Margarida Basto (2.º Prémio)

Docente da ESECS

Quem és tu, ó Luz, que me ilumina,
Que do universo vieste a mim
Inundar minh'alma genuína
Duma luz púrpura e carmin?

Derretendo mágoa e desalento
E nas cinzas do borralho crespo
Se desvanece o pensamento,
E de um fogo lento irrompo

Numa luz de fogo anelar,
P'ra não revelar o que sofri.
Queimada, das cinzas renasci

Com a força da pedra angular,
Vou beber a luz só da bondade
Regada p'la luz só da verdade.

Lara Tomas, 2024

-Luz-



Luz de um novo ciclo

Lídia Simão (2.º Prémio)

Docente da ESTG

Os veios da desilusão viraram trança intrincada instalada,
Criando demónios que alimentam internas incertezas,
Talvez a alma defina mais que as ciladas já desgastadas,
E os risos que os anjos nos trazem sejam sonhos idílicos,
Meras miragens em palavras soltas já tão amachucadas,
Pedras parcas para reforçar os rasgos da nossa fortaleza!

Venha agora novo ciclo presentear a vida que já conheço,
Arrancando a melancolia dum cheiro agreste profundo,
Fazendo arder as veias com a vibração do desafio desejado,
Ao apagar a precaridade dos abismos das noites inquietas
Que abraçam o peito quando a solidão adormece ao lado,
Trazendo luz farta que ofusca qualquer poeta moribundo!

E transcendente na sua arquitetura criativa de renovação,
Sacode vigorosamente a saudade daquilo que já não existe,
Qual droga apropriada para situações outrora insolúveis,
Cortando todas as raízes daquilo que agora tem de morrer,
Ao criar pontes sobre ravinas severas quase intransponíveis,
Perfumando com luz as ruas dum coração cansado e triste!

ESCALÃO 4 – ALUMNI

Penumbra

Cheila Roça (1.º Prémio)

Alumni da ESECS

Olho a luz emergente
Do imponente candelabro
No centro da sala
Aquela luz invade
Qualquer coração
No entanto o meu olhar
Fita a penumbra
E o meu pensamento voa
Para uma manhã de nevoeiro
Onde tudo é possível
Onde recomeçar é urgente
Da luz a penumbra
Existe um pequeno
Feixe de esperança
Onde podemos ser felizes
Viver a cada instante
Sem tocar os extremos
A luz aquece o meu dia
Faz-me sentir viva
Porém é na penumbra
Que exalto a minha sabedoria
Que realizo a minha magia
Que descubro outro sentido
Que virá em D. Sebastião

Doce crepúsculo

Cheila Roça (2.º Prémio)

Alumni da ESECS

O meu dia corre rápido
Entre dois crepúsculos.
Sou ponto de luz na escuridão
E assim sou feliz!
Olho o céu e penso na infinita gratidão,
De ser um agente criador,
Alguém que passa por este mundo
Com a missão de o melhorar.

Olho-me estátua e reflito... admiro.
Recorda-se eternamente um feito...
Como? Quem? Onde? Porquê?
Não tem fugacidade a estátua.
Tem procura, tem história!

Sou Passado e Presente
Sou História e Momento
Aprecio a Memória e a Saudade
Sou Recordação e Sorriso.
Sempre vivi sorrindo,
Mesmo entre os crepúsculos da vida
Neste acaso que é a existência
Espero chegar ao Outro
E dar cor ao Mundo
Em estátua (re)vivo cada instante

- Luz -

Em estátua perpetuo
Em estátua sou luz que guia o futuro...

